

DO MUSSEQUE AO BLOCO: RUPTURAS DE SOCIABILIDADE NA TRANSIÇÃO PARA A HABITAÇÃO VERTICAL NA CENTRALIDADE DO SEQUELE-ANGOLA

Jervanio Manuel Domingos Diogo¹

Juelma Vieira Silva Baldé²

Joaquim Da Silva Muondo³

Igor Monteiro Silva⁴

RESUMO

Este trabalho examina a ruptura de sociabilidade provocada pela transição do tecido urbano informal dos musseques para o modelo de habitação vertical em condomínios fechados, tomando como caso a Centralidade do Sequele, em Angola. Parte-se do pressuposto de que a sociabilidade dos musseques era predominantemente presencial e apoiada em sinais não-verbais do encontro face a face — o que Goffman chamava de “expressão emitida” —, enquanto a arquitetura de blocos da centralidade, ao priorizar a privacidade, reduziu as oportunidades desse convívio espontâneo de rua. Objetiva-se compreender como os jovens que vivenciaram essa transição, ou nasceram já dentro dela, percebem a mudança nas formas de conviver, e de que modo as redes sociais digitais atuam como resposta adaptativa a essa ruptura. Metodologicamente, a pesquisa qualitativa e exploratória combinou revisão bibliográfica sobre urbanização angolana com aplicação de formulário a quinze jovens e quatro entrevistas semiestruturadas, tratadas por Análise de Conteúdo. Os resultados mostram que 73,3% dos participantes residem no Sequele há mais de cinco anos, tempo suficiente para observar a consolidação dessa nova forma de morar, e que a totalidade dos jovens considera a comunicação digital mais rápida do que a presencial, ao mesmo tempo em que 40% reconhecem que as redes influenciam sua forma de falar e se comportar. Conclui-se que a passagem do musseque ao bloco não elimina a sociabilidade, mas a reconfigura: o convívio de calçada é parcialmente substituído pelo grupo de WhatsApp, numa adaptação juvenil às novas condições espaciais impostas pela habitação vertical. O trabalho impacta a Diversidade, Inclusão e Transformação Social ao dar visibilidade às rupturas socioculturais vividas por jovens angolanos na transição dos musseques para os condomínios verticais. Ao investigar a perda do convívio espontâneo de calçada, o estudo destaca a resistência cultural juvenil, que utiliza o meio digital para manter a proximidade comunitária. Essa abordagem promove inclusão social ao reconhecer as redes virtuais como ferramentas adaptativas contra a segregação e o isolamento urbano. Além disso, fomenta a transformação social ao suscitar reflexões críticas para que o planejamento de habitações populares respeite a diversidade de vivências e valorize a preservação dos laços afetivos.

Palavras-chave: Musseque; Cidade planejada; Habitação vertical; Sociabilidade urbana.

UNILAB, Unidade acadêmica dos Palmares, Discente, jervanioeliseu19@gmail.com¹

UNILAB, Unidade acadêmica dos Palmares, Discente, juelmavieira18@gmail.com²

UNILAB, Unidade acadêmica dos palmares, Discente, joaquimmuondo15@gmail.com³

UNILAB, Unidade acadêmica das palmares, Docente, igor.monteiro@unilab.edu.br⁴

INTRODUÇÃO

O termo *musseque*, do quimbundo *mu-seke* (“lugar de areia” ou “terra avermelhada”), designa os bairros informais, periféricos e de crescimento espontâneo que historicamente circundam o núcleo urbano de Luanda. Nesses bairros, a sociabilidade organizava-se em torno da rua, do quintal e da calçada, espaços em que o encontro face a face era condição quase obrigatória do convívio. Nas últimas duas décadas, contudo, os Programas de Fomento Habitacional do Estado angolano promoveram a construção de “centralidades” — cidades planejadas de habitação vertical, como a Centralidade do Sequele —, propondo uma transição do tecido urbano informal para o modelo de condomínios fechados.

Essa mudança não é apenas arquitetônica, mas social. Como observa Tomás (2012), os novos conjuntos habitacionais funcionam como “utopias” estatais que, ao priorizarem blocos fechados e um estilo de vida mais privado, dificultam o convívio coletivo que ocorria naturalmente nas ruas dos bairros tradicionais. Na sociabilidade presencial dos *musseques*, cada interação era repleta de sinais não-verbais — um olhar, um gesto, o tom de voz — que Goffman denominava “expressão emitida”, aquela que escapa ao controle consciente de quem fala. Ao migrar para o ambiente digital, próprio da nova condição de moradia vertical, esses sinais se reduzem de forma significativa, restando principalmente a palavra escrita.

Diante desse cenário, este trabalho investiga a hipótese de que a transição do *musseque* ao bloco provocou uma ruptura parcial na sociabilidade presencial, compensada pela intensificação do uso de redes sociais digitais entre os jovens da Centralidade do Sequele. O objetivo geral deste recorte é analisar como essa ruptura é percebida pelos próprios moradores, e os objetivos específicos são: (i) caracterizar o tempo de vivência dos jovens na centralidade e sua relação com a percepção de mudança; (ii) identificar de que forma a comunicação digital compensa a redução do convívio presencial de rua; e (iii) discutir os efeitos dessa transição sobre a linguagem e os modos de interação juvenil.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou abordagem qualitativa e exploratória, associando revisão bibliográfica sobre urbanização angolana e sociabilidade digital a uma etapa de campo na Centralidade do Sequele. Os instrumentos de coleta foram um formulário estruturado, aplicado on-line a quinze jovens moradores, com questões sobre tempo de residência no local e percepção de mudança na convivência, e quatro entrevistas semiestruturadas, realizadas entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026. A análise dos relatos seguiu a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), com o objetivo de identificar, nas falas dos participantes, indícios da percepção sobre as mudanças nos modos de conviver diante da transição para a habitação vertical, conforme os pressupostos metodológicos de Minayo (2001) e Gil (2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto ao tempo de residência na Centralidade do Sequele, 73,3% dos participantes afirmaram morar no local há mais de cinco anos, o que indica convivência prolongada com o território e reforça a pertinência de suas percepções sobre as transformações na sociabilidade local desde a consolidação da centralidade. Esse dado é relevante porque situa os jovens entrevistados como testemunhas diretas da maturação do modelo de habitação vertical, em contraste com a sociabilidade de rua típica dos *musseques* descrita na literatura sobre urbanismo angolano.



Não Queira
No Seu, Oito
XI SEMANA
UNIVERSITÁRIA

**Diversidade,
Inclusão e
Transformação Social**

A totalidade dos participantes (100%) reconheceu que as redes sociais tornaram a comunicação mais rápida entre os jovens, e 40% admitiram que essas plataformas influenciam sua forma de falar, escrever ou se comportar. Esse dado dialoga com a leitura de Almeida (2023), para quem grande parte das transformações nos modos contemporâneos de vida decorre, basicamente, da introdução das tecnologias de informação e comunicação em praticamente todas as instâncias das relações sociais. No caso do Sequele, a substituição parcial da conversa de calçada pela troca de mensagens digitais ilustra essa mudança na prática cotidiana.

A fala da Participante 3 sintetiza essa ruptura: ela reconhece que a nova geração de jovens “tende a usar as redes sociais para desconectarem-se mais da realidade ou da sua localidade”, a ponto de ser “quase impossível [...] jovens do nosso bloco estar em um ambiente onde as pessoas se conectam de facto”. Essa percepção aproxima-se da afirmação de Santos (2022, p. 874) de que um jovem urbano sem redes sociais é “um jovem silenciado, morto socialmente”, evidenciando o quanto a vida social se deslocou do espaço físico do bloco para o ambiente digital.

Ainda assim, os dados indicam que essa ruptura não é absoluta: 53,3% dos jovens afirmam priorizar o convívio presencial quando estão em praças e áreas comuns, e o Participante 4 relatou buscar “um certo equilíbrio entre o uso das redes sociais e a interação presencial”. Isso sugere que, mais do que uma substituição completa da sociabilidade de rua dos musseques, a habitação vertical provocou uma reorganização dos modos de conviver, na qual a rede digital compensa, sem eliminar por completo, a perda de espaços espontâneos de encontro.

CONCLUSÕES

A transição do musseque para o bloco, na Centralidade do Sequele, provocou uma ruptura real, mas parcial, na sociabilidade presencial dos jovens. A arquitetura fechada dos condomínios reduziu as oportunidades de encontro espontâneo típicas da rua dos bairros informais, e essa lacuna foi em boa medida ocupada pelas redes sociais digitais, que se tornaram mais rápidas, mas também mais pobres em sinais não-verbais do que a antiga sociabilidade de calçada. Ainda assim, os dados mostram que os jovens buscam ativamente um equilíbrio entre o digital e o presencial, o que indica adaptação, e não abandono, da vida comunitária.

Ao situar a Centralidade do Sequele como caso de transição habitacional pós-guerra em Angola, este recorte contribui para o debate proposto pela Semana Universitária sobre as reconfigurações da vida urbana contemporânea, evidenciando como populações jovens de países africanos em reestruturação urbana recriam, por meios digitais, parte do tecido social que a nova arquitetura habitacional deixou de oferecer. Sugere-se que estudos futuros comparem diretamente jovens moradores de musseques e de centralidades, de modo a aprofundar essa análise geracional da sociabilidade urbana angolana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UNILAB

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Vandete de. Cultura digital, sociabilidade virtual e música independente no Brasil: conexões, interfaces e consumo. *Cadernos de Campo*, Araraquara, v. 23, n. 00, e023004, 2023.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

- BRAGA, Adriana. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. *Desigualdade e Diversidade: Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, n. 9, p. 95-104, ago./dez. 2011.
- GASPAR, João Miguel. A urbanização em Angola: tendências e dinâmicas socioespaciais contemporâneas. *GOT: Geografia e Ordenamento do Território*, n. 10, p. 97-116, 2016.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SANTOS, Rafael Oliveira dos. A relação público/privada na juventude mediada pelas plataformas de redes sociais digitais. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 24, n. 55, p. 871 889, set./dez. 2022.
- TOMÁS, António. O fazedor de utopias: uma etnografia do urbanismo em Luanda. Lisboa: Edições 70, 2012.